



NIA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ERA
ARQUEOLOGIA

11

***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

ABR 2016

ISSN: 2183-0924

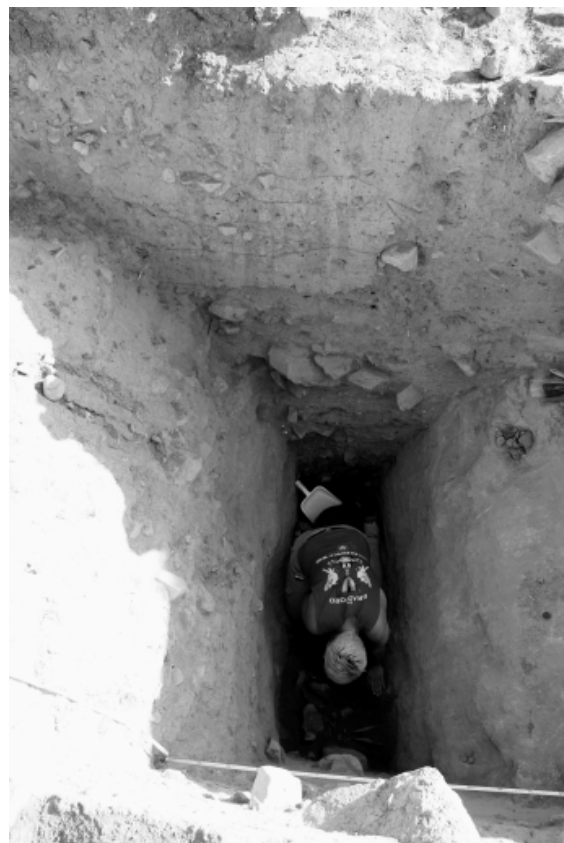
***A*PONTAMENTOS**

de Arqueologia e Património

11

ABRIL

2016



ÍNDICE

EDITORIAL	07
-----------------	----

António Carlos Valera NOTA SOBRE UMA DECORAÇÃO INCOMUM NUM RECIPIENTE DOS PERDIGÕES	09
---	----

António Carlos Valera, Ever Calvo e Patrícia Simão ENTERRAMENTO CAMPANIFORME EM FOSSA DA QUINTA DO CASTELO 1 (SALVADA, BEJA)	13
--	----

Lucy Shaw Evangelista, Miguel Lago e Lúcia Miguel A ANTA DOS ENXACAFRES NO CONTEXTO DO MEGALISTISMO DA REGIÃO DE GRÂNDOLA E SANTIAGO DO CACÉM: UMA PRIMEIRA NOTA	21
---	----

Margarida Mendonça e António Faustino Carvalho A COMPONENTE EM PEDRA LASCADA DOS MONUMENTOS FUNERÁRIOS 1 E 2 DO COMPLEXO ARQUEOLÓGICO DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARÁZ)	33
---	----

Eliana Goufa e Francisco Rosa Correia A INDÚSTRIA LÍTICA DO CASTRO DA COLUMBEIRA (BOMBARRAL, PORTUGAL): DADOS PRELIMINARES E PERSPECTIVAS FUTURAS	47
--	----

Rui Ramos QUINTA DE SÃO LOURENÇO 2: UM SÍTIO DE FOSSAS NO CONCELHO DE BRAGANÇA	53
--	----

Elisa de Sousa e Marina Pinto A OCUPAÇÃO DA IDADE DO FERRO NA COLINA DO CASTELO DE SÃO JORGE (LISBOA, PORTUGAL): NOVOS DADOS DAS ESCAVAÇÕES REALIZADAS NA RUA DO RECOLHIMENTO / BECO DO LEÃO	59
--	----

Elisa de Sousa, Alexandre Sarrazola e Inês Simão LISBOA PRÉ-ROMANA: CONTRIBUTOS DAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA RUA DA MADALENA	69
--	----



EDITORIAL

O presente volume da “Apontamentos” volta a juntar artigos produzidos no âmbito da investigação realizada pelo NIA-ERA, artigos resultantes de trabalhos levados a cabo pelo departamento técnico da ERA e artigos derivados de colaborações externas. Textos que expõem resultados de trabalhos de campo, de investigação e de trabalhos académicos de estudo de colecções artefactuais.

Num tempo em que muitos se deixam aprisionar pelo sistema de publicações arbitradas e indexadas, na busca dos “pontos” que permitam vingar no terreno altamente competitivo em que a investigação hoje vive, pequenos e despretensiosos projectos como este continuam a publicar informações e ideias úteis, revelando que há espaço, diria mesmo que há necessidade, para uma pluralidade editorial. Tal utilidade aparece bem representada, por exemplo, na expressão que a “Apontamentos” já conseguiu atingir, visível no número de consultas, “downloads” e citações, tanto a nível nacional como internacional.

Continuamos, pois, seguros que com este contributo editorial não só estamos a cumprir com uma obrigação inerente à nossa actividade, mas também a concorrer para um ambiente de maior diversidade e liberdade, essencial para o desenvolvimento de qualquer ciência e área profissional.

António Carlos Valera

A OCUPAÇÃO DA IDADE DO FERRO NA COLINA DO CASTELO DE SÃO JOERGE (LISBOA, PORTUGAL): NOVOS DADOS DAS ESCAVAÇÕES REALIZADAS NA RUA DO RECOLHIMENTO / BECO DO LEÃO

Elisa de Sousa¹
Marina Pinto²

Resumo:

Este trabalho apresenta dados relativos à ocupação da Idade do Ferro no topo da colina do Castelo de São Jorge (Lisboa, Portugal), recuperados no decurso de uma série de escavações preventivas realizadas na Rua do Recolhimento/Beco do Leão. Os materiais aí recolhidos enquadram-se numa ampla cronologia que se estende desde finais do século VIII/inícios do século VII a.C. até às vésperas da chegada dos primeiros contingentes militares romanos ao estuário do Tejo, em finais do século II a.C. Englobam uma variedade considerável de categorias cerâmicas, entre as quais a cerâmica de engobe vermelho, a cerâmica cinzenta, as ânforas, a cerâmica pintada, a cerâmica comum e a cerâmica manual, todas provavelmente produzidas na foz do estuário do Tejo, em concreto no núcleo da antiga *Olisipo*. Estes dados permitem tecer algumas considerações sobre as fases mais recuadas da ocupação deste importante sítio e sobre a sua evolução ao longo do 1º milénio a.C.

Abstract:

Iron Age occupation of Castelo de São Jorge hill (Lisbon, Portugal): new data from the excavations in Rua do Recolhimento / Beco do Leão.

This paper presents data concerning the Iron Age occupation of the Castel of São Jorge's hilltop (Lisbon, Portugal), obtained during a series of preventive excavations carried out in Rua do Recolhimento/Beco do Leão. The artifacts recovered are framed in a wide chronology, stretching from the late 8th / early 7th century BC to the arrival of the first Roman military contingents to the Tagus estuary, in the late 2nd century BC. It encompasses a considerable variety of ceramic categories, among which stand out the red slip ware, gray pottery, amphorae, painted ceramics, common ware, and handmade productions, all of which produced in the Tagus estuary, most likely within the limits of the ancient *Olisipo*. These data allow us to make some considerations concerning the earliest Iron Age traces identified in this important site and its evolution across the 1st millennium BC.

1. Introdução

O conhecimento da ocupação sidérica da antiga cidade de Lisboa encontra-se, infelizmente, muito condicionado pela densidade da ocupação humana na área urbana, que se prolonga, de forma quase interrupta, desde os inícios do 1º milénio a.C. até à actualidade.

No entanto, a multiplicidade de intervenções arqueológicas que têm sido realizadas, sobretudo no quadro de acções preventivas, têm revelado uma série de vestígios associáveis à ocupação da Idade do Ferro que permitem reconhecer a importância que este núcleo terá desempenhado na estruturação da rede de povoamento do estuário do Tejo.

Os dados actualmente disponíveis parecem comprovar que a ocupação sidérica da antiga Lisboa se terá limitado à colina do Castelo de São Jorge, em particular ao seu topo e à encosta virada a sul, em direcção ao rio Tejo. Com efeito, as escavações realizadas em vários destes pontos da cidade têm permitido reconhecer uma ampla cronologia, que se estende desde os finais do século VIII / inícios do século VII até ao século III a.C. (Amaro, 1993; Arruda, 1999-2000; Calado, 2008; Calado *et al.*, 2013; Filipe, Calado e Leitão, 2014; Pimenta, Calado e Leitão, 2005; Pimenta, Calado e Leitão, 2014; Pimenta, Silva e Calado, 2014; Pimenta, Sousa e Amaro, 2015, no prelo; Sousa, 2014; Sousa, no prelo). No entanto, a maioria da informação publicada diz respeito à vertente meridional da colina, sendo escassas as informações da área mais elevada, localizada no interior e nas proximidades do actual Castelo de São Jorge. Apesar da multiplicidade e dimensão das áreas que têm sido intervencionadas nesse espaço desde os anos 90 do século passado, os dados relativos à fase de ocupação da Idade do Ferro permanecem por publicar, sendo as únicas

¹ Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
e.sousa@campus.ul.pt

² Era – Arqueologia, S.A. marinapinto@era-arqueologia.pt



Figura 1 - Localização de Lisboa no actual território português (base cartográfica de V. S. Gonçalves).

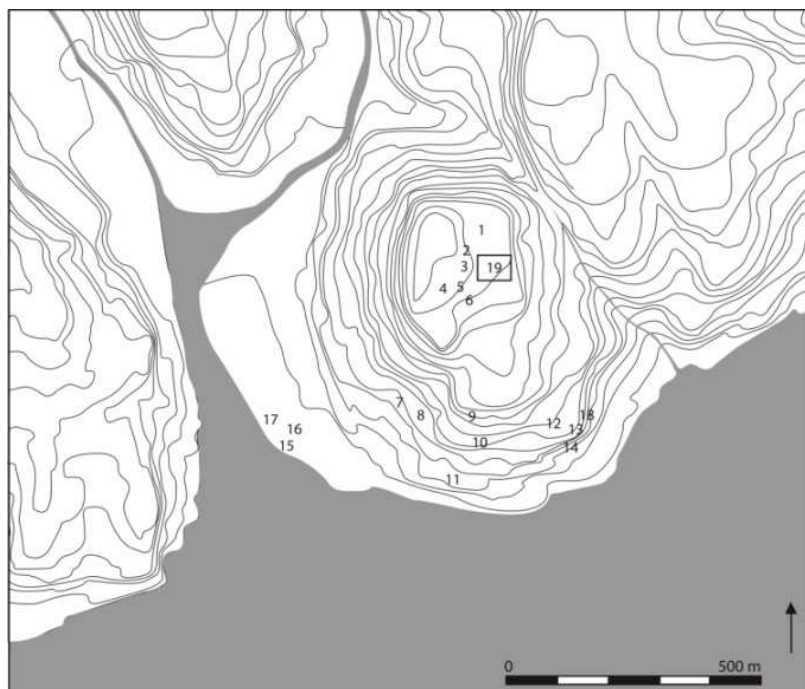


Figura 2 - Vestígios da Idade do Ferro na área urbana de Lisboa e localização da área estudada: 1 a 6 – Castelo de São Jorge; 7 – Termas dos Cássios; 8 – Rua de São Mamede; 9 – Teatro Romano/Pátio do Aljube; 10 – Sé de Lisboa; 11 – Casa dos Bicos; 12 – Pátio da Senhora de Murça; 13 – Rua de São João da Praça; 14 – Travessa do Chafariz d'El Rei; 15 – Rua dos Correeiros; 16 – Rua dos Douradores; 17 – Rua Augusta (Zara), 18 – Rua da Judearia, 19 – Rua do Recolhimento (base cartográfica de J. Pimenta, 2005, modificada).

informações disponíveis inferidas graças aos materiais arqueológicos expostos no actual Núcleo Museológico e no respectivo catálogo. O espólio exibido conta com vários artefactos que denunciam uma ocupação extensa ao longo de praticamente toda a Idade do Ferro, desde pelo menos o século VII a.C. até às vésperas da chegada dos primeiros contingentes militares romanos à região. O período orientalizante está representado por urnas tipo Cruz del Negro, ânforas do tipo 1 do estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014), vários pratos e tigelas de cerâmica de engobe vermelho e ainda por cerâmica cinzenta. A ocupação da segunda metade do 1º milénio a.C. parece estar particularmente bem caracterizada, considerando os vários fragmentos de cerâmica grega expostos (AAVV, 2008; Sousa, 2014: 112) e também a existência de alguns contentores anfóricos com características que se integram claramente nas produções regionais dessa mesma cronologia (Sousa e Pimenta, 2014). No entanto, não pudemos deixar de lamentar a inexistência de publicações que permitam contextualizar devidamente os materiais exibidos e que provavelmente contribuiriam para clarificar muitas das questões que hoje se colocam sobre a ocupação da Idade do Ferro da antiga *Olisipo*.

No trabalho que agora se apresenta, pretendemos proporcionar alguns contributos para a caracterização da ocupação sidérica desta área. Os dados que analisamos são provenientes de um conjunto de escavações arqueológicas que foram realizadas, em 2011, junto aos edifícios n.º 35 da

Rua do Recolhimento / Beco do Leão, no interior da cerca do Castelo de São Jorge. Estas intervenções enquadram-se nos trabalhos de arqueologia preventiva, concretamente no âmbito do programa de Intervenção Prioritária em Acções de Reabilitação Urbana (PIPARU), tendo sido adjudicadas à empresa Era-Arqueologia S.A., e dirigidas por uma das signatárias (Marina Pinto). Estes trabalhos traduziram-se na realização de 16 sondagens de diagnóstico que permitiram reconhecer uma ampla diacronia de ocupação, que se estende desde a Idade do Ferro até ao período contemporâneo. O presente trabalho incide exclusivamente nos dados associados à fase de ocupação sidérica, que se revestem de considerável importância atendendo à já referida escassez de informação publicada sobre este momento cronológico no topo da colina do Castelo de São Jorge.

2. As evidências da ocupação da Idade do Ferro: estratigrafia e materiais

Os trabalhos que tiveram lugar na Rua do Recolhimento / Beco do Leão implicaram a escavação de 16 sondagens que tiveram como principal objectivo a caracterização de eventuais vestígios arqueológicos que pudessem ser afectados por obras futuras. Infelizmente, a extensão destas sondagens foi muito reduzida, não excedendo os 3m² (1,5 m x 1,5 m), tendo sido implantadas junto às paredes dos edifícios actuais, e a sua profundidade encontrava-se limitada pela cota de afectação de 1,50 m. A metodologia

utilizada no decurso da escavação seguiu os princípios de estratigrafia definidos por P. Barker e E. Harris.

Vestígios arqueológicos associáveis à ocupação sidérica foram documentados em cinco das áreas intervencionadas (sondagem 1, 2, 6, 8 e 9). Nas restantes (sondagem 3, 4, 5, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16) detectaram-se apenas fases relacionadas com o período romano-republicano e, sobretudo, com ocupações medievais, modernas e contemporâneas, ainda que tenham proporcionado, em alguns casos, materiais residuais da Idade do Ferro. O conjunto artefactual que pudemos relacionar com esta cronologia, é constituído exclusivamente por fragmentos cerâmicos, todos eles de produção local/regional.

Sondagem 1

Nesta primeira sondagem foram detectados dois níveis atribuíveis à Idade do Ferro, a U.E. [114], composta por um sedimento argiloso e, sob esta, a U.E. [109], caracterizada

por um depósito de matriz areno-argilosa de tonalidade alaranjada, seguindo-se o substrato geológico, a 1,30 m de profundidade. Estes níveis associados à Idade do Ferro foram afectados pela construção de uma série de estruturas negativas escavadas durante o período medieval, cujos enchimentos incorporavam também alguns materiais de cronologia sidérica.

Os materiais pré-romanos recuperados nesta área totalizam 16 exemplares, 12 dos quais recolhidos nos referidos níveis conservados (U.E. [109] e [114]). Destes últimos, quatro correspondem a recipientes anfóricos, concretamente a dois elementos de bordo integráveis no tipo 3 (n.º 1) e 4 (n.º 2) do estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014), sendo os restantes fragmentos de asa de secção circular (n.º 3), exibindo engobes brancos nas suas superfícies externas. Outros dois fragmentos integram a categoria de cerâmica de engobe vermelho, aproximando-se um deles (n.º 4) ao tipo P2 de Rufete Tomico (1988-1989) e o outro, com perfil carenado, à variante 1Ba da Rua dos Correeiros (Sousa,



Figura 3 - Localização das sondagens efectuadas na Rua do Recolhimento/Beco do Leão.

2014: 119). O engobe vermelho é aplicado na área interna e também junto à superfície externa do bordo, devendo salientar-se a presença, num dos exemplares (n.º 4), de pintura branca na restante superfície. No grupo da cerâmica comum conta-se um fragmento de fundo convexo e pé bem destacado (n.º 6), com superfícies bem polidas, que parece corresponder a uma imitação dos pratos de cerâmica de engobe vermelho, com bons paralelos no conjunto da Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000). Um fragmento de bordo de um recipiente de tipo *pithos* (n.º 7) foi também recolhido. Outros três exemplares exibem menos cuidado no tratamento das superfícies e alguns indícios da sua exposição ao fogo, pelo que correspondem provavelmente a recipientes destinados à confecção de alimentos. Destes, dois (n.º 8 e 9) são integráveis no tipo 10Aa da Rua dos Correiros e o outro (n.º 10) no tipo 10Bb (Sousa, 2014: 168-169 e 172). Por último, deve destacar-se a presença de um bordo de um grande recipiente de produção manual, de superfícies alisadas (n.º 11).

Entre os materiais descontextualizados provenientes da Sondagem 1 conta-se um outro fragmento de bordo de um recipiente tipo *pithos* (n.º 12) com uma banda branca na zona externa, duas tigelas do tipo 1Aa de cerâmica comum, uma das quais com aplicação de uma aguada branca em ambas as superfícies (n.º 13) e de um fundo ligeiramente convexo e com pé destacado cuja superfície externa se encontra coberta por engobe branco e a área interna por bandas brancas e negras (n.º 14).

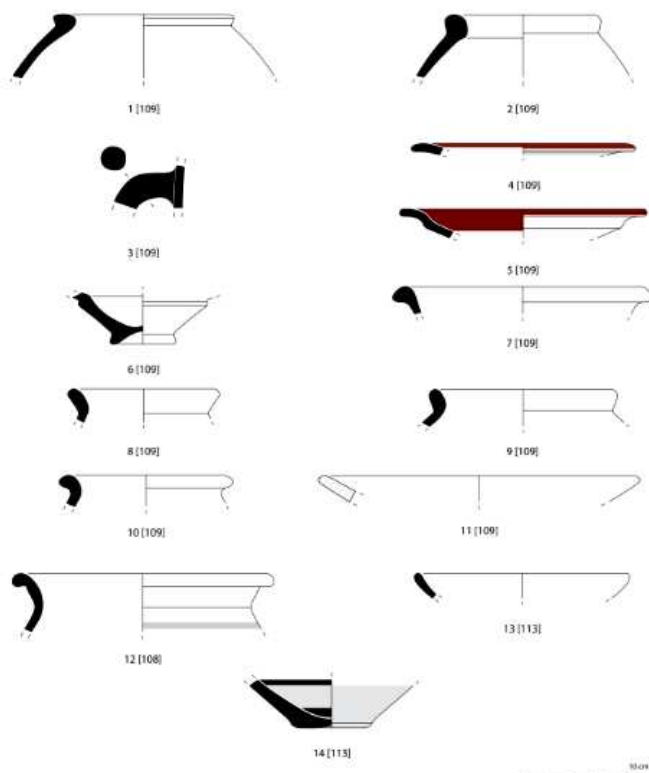


Figura 4 - Materiais da Idade do Ferro recolhidos na sondagem 1.

Sondagem 2

Na sondagem 2 foi identificado um único depósito seguramente atribuível à fase de ocupação pré-romana. Trata-se da U.E. [206], composta por um sedimento de matriz areno-argilosa de tonalidade castanha-alaranjada. A escavação em profundidade foi limitada à cota de afectação (1,5 m), não tendo sido possível atingir o substrato geológico.

Infelizmente, a maioria dos fragmentos cerâmicos associáveis à ocupação da Idade do Ferro provenientes desta área foi recuperada em contextos mais recentes que terão destruído, pelo menos parcialmente, os estratos de época precedente. Integram um conjunto de oito peças, recolhidos no interior de uma estrutura negativa e junto a um muro (U.E.s [205] e [204]), ambos datáveis da fase romano-republicana.

Desta área, identificaram-se três fragmentos de pratos de cerâmica de engobe vermelho. Um deles (n.º 17) apresenta o bordo consideravelmente estreito, com 2,3 cm de largura, podendo enquadrar-se no tipo P1 de Rufete Tomico (1988-1989). Um outro, que apresenta o perfil mais bem conservado (n.º 15) apresenta uma largura de bordo mais ampla, com 4,6 cm, o que possibilita o seu enquadramento no tipo P2 da referida tipologia. O último exemplar (n.º 16) não permite a medição da largura de bordo, mas poderá eventualmente aproximar-se dessa mesma forma.

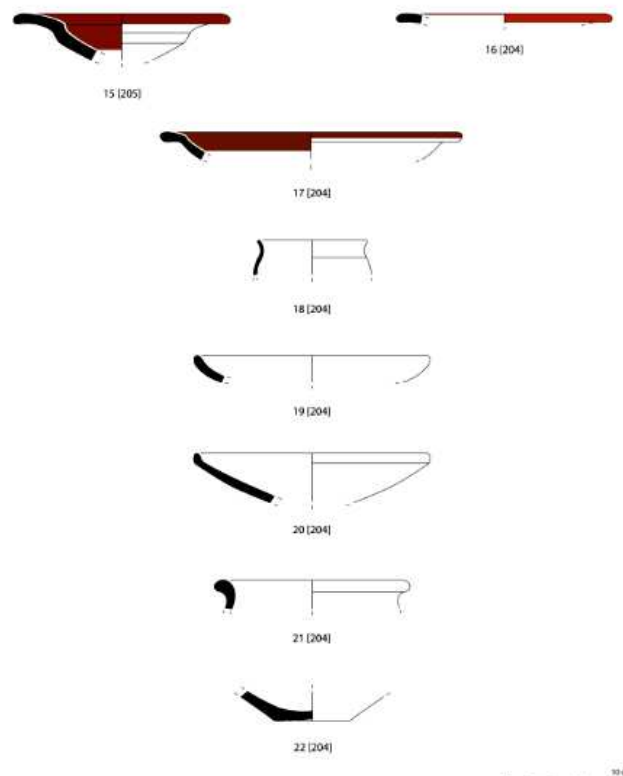


Figura 5 - Materiais da Idade do Ferro recolhidos na sondagem 2.

A aplicação do engobe vermelho ocorre sempre na superfície interna e na zona externa do bordo, devendo salientar-se que um dos exemplares (n.º 17) exhibe uma tonalidade vermelha-acastanhada. No conjunto da sondagem 2 regista-se ainda um fragmento de um pequeno pote globular de cerâmica cinzenta (n.º 18) que se enquadra no tipo 3 da Sé de Lisboa (Arruda, Freitas e Vallejo Sánchez, 2000: 32). Entre a cerâmica comum contam-se alguns fragmentos de tigelas do tipo 1Aa da Rua dos Correeiros (Sousa, 2014), uma das quais aguada branca em ambas as superfícies (n.º 19), e ainda uma outra com paredes rectas e bordo vertical (n.º 20). Os potes/panelas do tipo 10Bb da Rua dos Correeiros encontram-se também representados (n.º 21) exibindo, tal como na sondagem 1, vestígios de exposição ao fogo na sua superfície externa. Por último, identificou-se um único fragmento de fundo, de perfil ligeiramente convexo, com uma canelura na zona externa (n.º 22).

Sondagem 6

Nesta sondagem, e sob os níveis de cronologia medieval e moderna, foi possível documentar a existência de uma pequena sequência de estratos da Idade do Ferro. A camada mais antiga é constituída por um sedimento de matriz areno-argilosa (U.E. [612]). No topo deste estrato foi aberta uma pequena estrutura negativa que poderá eventualmente corresponder a um buraco de poste (U.E. [619]). Esta realidade é integralmente coberta pela U.E. [609], que por sua vez é cortada por uma estrutura negativa tipo fossa (U.E. [617]) em cujo interior foram escavados sete níveis de enchimento, distinguíveis pela sua tonalidade. Um destes (U.E. [624]), localizado em cotas mais inferiores, era caracterizado pela presença abundante de blocos pétreos e cascalho. O espólio recolhido em alguns destes estratos permite a sua integração na fase de ocupação sidérica.

O conjunto artefactual recuperado nesta sondagem é particularmente interessante.



Figura 6 - Pormenor da estrutura negativa [617], identificada na sondagem 6.

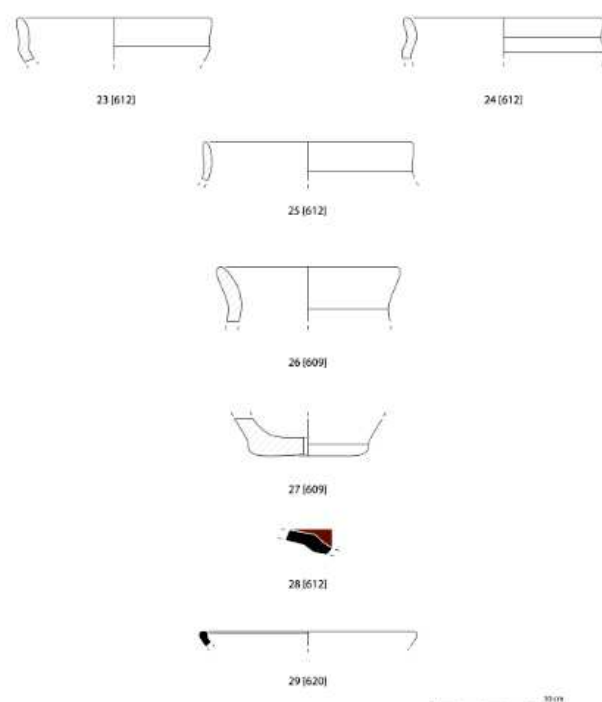


Figura 7 - Materiais da Idade do Ferro recolhidos na sondagem 6.

No nível mais antigo, U.E. [612], foram recolhidos três fragmentos de cerâmica de produção manual, cujos perfis permitem a sua integração no grupo das taças carenadas de tradição do Bronze Final (n.º 23, 24 e 25). Trata-se de formas abertas, com carena relativamente alta, e bordo de tendência vertical ou ligeiramente evertido, encontrando-se as suas superfícies cuidadosamente polidas. Em associação contextual, recolheu-se ainda um fragmento de carena de um prato de cerâmica de engobe vermelho (n.º 28) ao qual não foi, infelizmente, possível adscriver uma classificação tipológica mais precisa.

Na camada sucessiva (U.E. [609]) continua a registar-se a presença de cerâmica manual, agora representada por um pote de perfil em S (n.º 26), com superfícies alisadas, e por um fragmento de fundo aplanado (n.º 27) que poderá eventualmente corresponder à mesma peça.

Por último, deve referir-se que os vários níveis de enchimento da fossa [617] proporcionaram escassos fragmentos classificáveis, todos de cerâmica comum, entre os quais se contam apenas um fragmento de uma tigela do tipo 1Aa da Rua dos Correeiros (Sousa, 2014: 151-152), com bordo engrossado internamente e superfícies bem polidas (n.º 29), um fundo plano pertencente provavelmente a esse mesmo tipo, e ainda um fundo ligeiramente convexo de um recipiente de tipo panela, com marcas de exposição ao fogo na sua superfície externa.

Sondagem 8

A ocupação da Idade do Ferro identificada neste espaço inclui três estratos de matriz areno-argilosa (U.E.s [815],

[816] e [818]), sendo directamente coberta por níveis do período medieval/moderno. Destes três níveis de cronologia sidérica apenas um (U.E. [816]) possibilitou a recolha de dois fragmentos aos quais se pode atribuir uma classificação tipológica. Ambos se enquadram na categoria de cerâmica comum, correspondendo um deles (n.º 30) a um fragmento de uma tigela de perfil hemisférico do tipo 1Aa da Rua dos Correios (Sousa, 2014: 151-152). O outro exemplar (n.º 31), de bordo aplanado com secção arredondada, parece corresponder a um prato, tratando-se provavelmente, e mais uma vez, de uma produção que imita os protótipos da cerâmica de engobe vermelho. Deve destacar-se que ambos os exemplares apresentam as superfícies cuidadosamente polidas.

Sondagem 9

Nesta sondagem foi identificado um único nível da Idade do Ferro, composto por um sedimento de matriz areno-argilosa, de tonalidade castanho-avermelhada (U.E. [911]), coberto por níveis associáveis já ao período medieval.

Este único nível conservado proporcionou apenas alguns fragmentos cerâmicos inclassificáveis, concretamente de cerâmica cinzenta e de cerâmica comum, por vezes com pinturas na superfície externa. Outros artefactos associáveis a esta cronologia surgiram em contextos secundários, de fase medieval, integrando a categoria de cerâmica cinzenta. Trata-se de apenas dois fragmentos de cerâmica cinzenta, correspondendo um deles (n.º 32) a uma tigela do tipo 1Aa (Sousa, 2014: 133-134) e o outro a um pequeno pote do tipo 3Ba (n.º 33) da Rua dos Correios (Sousa, 2014: 139-140).

Materiais descontextualizados

Nas restantes sondagens efectuadas, nas quais não foi possível identificar contextos conservados de cronologia sidérica, foram recolhidos alguns fragmentos cerâmicos residuais que são associáveis a essa mesma fase de ocupação. Da sondagem 3 é proveniente um bordo de ânfora (n.º 34) do tipo 7 do Estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014: 311) e um fragmento de tigela de cerâmica cinzenta (n.º 35) com paredes tendencialmente rectas, integrável no tipo 1Ab da Rua dos Correios (Sousa, 2014: 134-135). Da sondagem 7, recolheu-se um fragmento de ânfora (n.º 36) do tipo 1 do estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014: 305-306), exibindo pintura vermelha na superfície externa, dois fragmentos de cerâmica cinzenta, pertencendo o primeiro (n.º 37) a uma tigela do tipo 1Aa da Rua dos Correios e o segundo (n.º 38), provavelmente, a um pote da série 4 (Sousa, 2014: 140-143), e ainda um bordo de um pequeno vaso de cerâmica comum (n.º 39), com veios brunidos que decoram a superfície externa, e que poderá enquadrar-se nos jarros do tipo 11Aa da Rua dos Correios (Sousa, 2014: 177). Por último, da sondagem 15, deve referir-se a existência de um fragmento de bordo de um recipiente tipo *pithos* (n.º 40), com asa de secção quase bífida que arranca da zona do bordo, apresentando pintura vermelha na zona superior de ambas as superfícies.

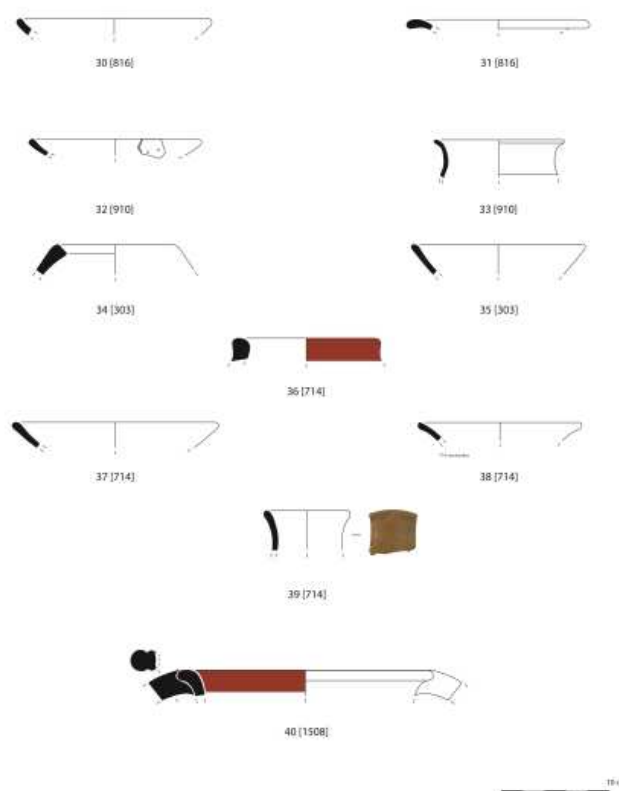


Figura 8 - Materiais da Idade do Ferro recolhidos na sondagem 8 e 9 e materiais descontextualizados.

3. Enquadramento cronológico das ocupações pré-romanas da Rua do Recolhimento / Beco do Leão

Os resultados das escavações realizadas na Rua do Recolhimento / Beco do Leão revelaram alguns aspectos interessantes sobre a ocupação da Idade do Ferro no interior da cerca do Castelo de São Jorge. Apesar dos factores que sistematicamente condicionam os trabalhos arqueológicos em área urbana, entre os quais se destacam a extensão reduzida dos espaços intervencionados e o limite imposto pelas cotas de afectação, foi possível identificar alguns níveis conservados de época pré-romana. A potência estratigráfica é reduzida e, talvez devido às condicionantes acima referidas e a acções destrutivas ocorridas em momentos posteriores, não foi possível documentar uma sucessão progressiva dos diferentes momentos associáveis a esta ocupação. No entanto, em algumas das sondagens realizadas foi possível identificar episódios específicos da fase da Idade do Ferro, que se estendem, em nossa opinião, desde os finais do século VIII / inícios do século VII a.C. até às vésperas da chegada dos primeiros contingentes militares romanos.

O momento de ocupação mais antigo detectado na área intervencionada relaciona-se com os contextos escavados na sondagem 6. A associação, no nível mais antigo desta

área (U.E. [612]), de taças carenadas de produção manual e de um fragmento de um prato de cerâmica de engobe vermelho parece, efectivamente, indicar alguma antiguidade face ao restante espólio exumado. As taças carenadas, ainda que inseríveis nas tradições indígenas do Bronze Final da Estremadura Portuguesa, parecem perdurar ao longo das fases mais antigas da Idade do Ferro no estuário do Tejo, fenómeno bem documentado em sítios como o povoado de Santa Sofia, em Vila Franca de Xira (Pimenta e Mendes, 2010-2011; Pimenta, Soares e Mendes, 2013) ou na Alcáçova de Santarém (Arruda, 1999-2000). Na própria área urbana de Lisboa, esta convivência de materiais de tradição indígena com outros de cariz orientalizante foi também já registada, concretamente durante as escavações efectuadas na Rua de São Mamede ao Caldas (Pimenta, Silva e Calado, 2014), em contextos datados entre os finais do século VIII a.C. e inícios da centúria seguinte. Na própria área do Castelo de São Jorge, de acordo com uma comunicação apresentada no IV Congresso de Arqueologia Peninsular, infelizmente não publicada, documentou-se também uma situação muito semelhante, concretamente um contexto onde materiais de produção manual, por vezes com decorações brunidas, integráveis nas tradições do Bronze Final, se associam a outros de clara matriz orientalizante, sendo, aparentemente, daí proveniente o fragmento de ânfora com inscrição em caracteres fenícios (Silva, 2013: 59-60)¹, entretanto já publicado (Arruda, 2103), lido e analisado - *k/pš* - (Zamora López, 2013). Com efeito, as características paleográficas desta inscrição sugerem uma cronologia centrada na 1ª metade do século VII a.C., não se excluindo, contudo, a possibilidade de poder ser um pouco anterior (Zamora López, 2013: 308-309). Atendendo a estes dados, é possível que também os materiais provenientes da U.E. [612] possam ser relacionados com os primeiros momentos da ocupação da Idade do Ferro da colina do Castelo de São Jorge, com uma cronologia balizada entre os finais do século VIII e os inícios do século VII a.C. Situação semelhante poderia aplicar-se à camada sucessiva (U.E. [609]) ainda que, neste caso, os materiais classificáveis se resumam a dois fragmentos de cerâmica manual, eventualmente pertencentes a um mesmo vaso. Contudo, a sua morfologia é transversal a praticamente todo o 1º milénio a.C. não sendo, portanto, de excluir a possibilidade de este nível pertencer a um período mais recente no quadro da ocupação pré-romana. Os restantes materiais recolhidos nos níveis da Idade do Ferro da sondagem 6 também não permitem, infelizmente, uma integração cronológica mais específica.

Vestígios um pouco mais tardios, associáveis ao século VII e, sobretudo, ao século VI a.C., parecem estar também documentados nas intervenções efectuadas na Rua do Recolhimento / Beco do Leão, concretamente nas sondagens 1, 2, 7 e 8, ainda que não possam ser associados, na maioria dos casos, a contextos primários. A esta fase está provavelmente associada a ânfora do tipo 1 do Estuário do Tejo (n.º 36), inspirado nos protótipos do tipo

10.1.1.1 e 10.1.2.1 de Ramon Torres (1995), e cuja produção no estuário do Tejo se parece iniciar ainda durante o período orientalizante (Sousa e Pimenta, 2014: 305-306) prolongando-se, pelo menos, até ao século V a.C. e, eventualmente, até momentos posteriores. As características do fragmento (n.º 36), com bordo curto, vertical e engrossado internamente, assemelham-se, contudo, ainda aos modelos mais antigos desta forma. As características dos fragmentos de vasos de tipo *pithos* (n.º 7, 12 e 40), com bordos mais arredondados e colos mais oblíquos, também poderão ser integradas em cronologias de momentos avançados do século VII e, sobretudo, do século VI a.C. (Torres Ortiz, 2002: 150). No grupo da cerâmica de engobe vermelho, a identificação de pratos do tipo P1 (n.º 17) e P2 (n.º 4, 15 e 16) de Rufete Tomico (1988-1989) aponta também para cronologias dos séculos VII e VI a.C. No entanto, tratando-se de produções regionais que não se encontram ainda bem sistematizadas, devemos ter alguma cautela na extrapolação das balizas cronológicas estabelecidas para o sul peninsular, uma vez que a evolução formal da cerâmica de engobe vermelho do estuário do Tejo pode não seguir os mesmos padrões registados em outras áreas. Materiais datáveis da segunda metade do século VI a.C. foram também identificados, atendendo aos paralelismos que se puderam estabelecer com o conjunto artefactual exumado na Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000; Arruda, Freitas e Vallejo Sánchez, 2000). Trata-se de um bordo (n.º 31) e fundo (n.º 6) de pratos de cerâmica comum inspirados nas produções de cerâmica de engobe vermelho e de um pequeno pote de corpo globular de cerâmica cinzenta (n.º 18).

O momento sucessivo, datável em torno aos meados do 1º milénio a.C., encontra-se consideravelmente bem documentado, particularmente na sondagem 1. Os níveis da Idade do Ferro escavados nesta área (U.E.s [109] e [114]), que assentam directamente sobre o substrato geológico, parecem ter sido formados já durante o século V a.C., ainda que possam incluir alguns materiais eventualmente mais antigos. A presença de uma ânfora do tipo 4 do estuário do Tejo (n.º 2) parece confirmar essa cronologia, uma vez que se desconhecem, até ao momento, evidências que o início da sua produção possa ser anterior a essa centúria. O exemplar do tipo 3 apresenta, por sua vez, uma cronologia um pouco mais ampla, que parece iniciar-se ainda durante a segunda metade do século VI a.C. (Arruda, 1999-2000: 119-120; Sousa, 2014: 96; Sousa e Pimenta, 2014: 306). Situação semelhante pode aplicar-se aos fragmentos de cerâmica de engobe vermelho, concretamente ao prato do tipo P2 de Rufete Tomico e à forma 1Ba da Rua dos Correeiros, cujas origens parecem remontar também a momentos mais antigos mas que permanecem, contudo, no repertório artefactual do estuário do Tejo até, pelo menos, aos meados do 1º milénio a.C. (Sousa, 2014: 119, 121-122). A este momento cronológico pertencem também alguns materiais recolhidos em contextos secundários nas sondagens 7 e 9, concretamente o pequeno pote de cerâmica cinzenta (n.º 33) do tipo 3Ba e o jarro de cerâmica comum (n.º 39) do tipo 11Aa da Rua dos Correeiros, formas que, até ao momento, estão ausentes em contextos de fases anteriores.

¹ Comunicação apresentada em Setembro de 2004 (Faro) no IV Congresso de Arqueologia Peninsular, infelizmente não publicada.

Por último, deve ainda referir-se a recolha de um fragmento de uma ânfora do tipo 7 do estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014: 311), ainda proveniente de um contexto secundário. Apesar dos dados serem ainda escassos, parece tratar-se de uma forma tardia no quadro destas produções surgindo, muito provavelmente, de um momento avançado do século IV a.C. ou mesmo de época posterior. Com efeito, em Lisboa, este tipo surge em contextos do século III a.C. e também em outros de cronologia romana-republicana que foram escavados no Castelo de São Jorge, o que por sua vez sugere que este tipo é ainda utilizado durante os momentos iniciais da conquista romana do estuário do Tejo (Sousa e Pimenta, 2014: 311).

Os restantes materiais da Idade do Ferro recolhidos no decurso destas intervenções apresentam balizas de produções muito amplas que não permitem acrescentar novos elementos para a caracterização cronológica das ocupações pré-romanas detectadas na Rua do Recolhimento / Beco do Leão.

4. Conclusão

Analisar a ocupação da Idade do Ferro nas áreas mais elevadas da colina do Castelo de São Jorge é uma tarefa difícil atendendo à escassez de dados disponíveis. As intervenções arqueológicas efectuadas, até ao momento, nessa área são abundantes mas permanecem, infelizmente, inéditas, em particular no que se refere à fase pré-romana.

No entanto, é de conhecimento público que o topo da colina de São Jorge terá sido ocupado ao longo de quase todo o 1º milénio a.C. As estruturas arqueológicas musealizadas e os materiais actualmente em exposição no Núcleo do Castelo de São Jorge indicam uma cronologia que se estende, pelo menos, desde o século VII a.C. até ao período romano-republicano. Como já referimos anteriormente, é muito provável que o início dessa ocupação possa, inclusive, remontar a um momento centrado entre finais do século VIII a.C. e inícios da centúria seguinte, tendo-se prolongado, sem aparentes interrupções, até ao século II a.C. Com efeito, alguns dos materiais anteriormente analisados, e que consideramos serem associáveis à primeira fase de ocupação da Idade do Ferro da colina do Castelo, fornecem mais um indício que suporta essa leitura. Não deixa de ser interessante tentar interpretar o significado desta associação de materiais de tradição do Bronze Final com outros de clara matriz orientalizante na fase mais arcaica da ocupação sidérica da cidade. Como já foi defendido em outros trabalhos (Sousa, no prelo; Pimenta, Sousa e Amaro, 2015), esta convivência de materiais de tradição nativa e fenícia pode ser muito significativa no âmbito da interpretação das origens da antiga *Olisipo*, uma vez que permite sustentar que a estratégia de implantação deste núcleo na colina do Castelo de São Jorge se terá verificado apenas durante a Idade do Ferro e não em fase anterior, ainda que não seja até ao momento claro se tal alteração do povoamento se deva atribuir a uma adaptação das comunidades indígenas que residiam na área a uma nova conjuntura político-económica ou a uma planificação por parte das comunidades fenícias ocidentais que aí se instalaram (Sousa, no prelo; Pimenta, Sousa e Amaro, 2015).

Os dados recolhidos não só na Rua do Recolhimento mas também em outras áreas da colina do Castelo de São Jorge (Amaro, 1993; Arruda, 1999-2000; Calado, 2008; Calado *et al.*, 2013; Filipe, Calado, Leitão, 2014; Pimenta, Calado, Leitão, 2005; Pimenta, Calado, Leitão, 2014; Pimenta, Silva, Calado, 2014; Pimenta, Sousa, Amaro, 2015; Sousa, 2014; Sousa, *no prelo*) atestam que a partir do século VII a.C. se assiste a uma notável transformação no quadro da cultura material, com o quase total desaparecimento das cerâmicas manuais em detrimento da utilização de vasos claramente integráveis no horizonte das produções fenícias ocidentais. A cerâmica vocacionada para o serviço de mesa é agora composta, quase exclusivamente, pelas cerâmicas revestidas com engobe vermelho e produções cinzentas. Os vasos destinados ao transporte, armazenamento e confecção de alimentos, também de fabrico maioritariamente local, reproduzem ou inspiram-se em protótipos que se encontram disseminados por praticamente todo o mundo fenício ocidental. Por outro lado, as escassas cerâmicas manuais que se podem associar a esta cronologia parecem terem sido vocacionadas, quase exclusivamente, para usos culinários.

A partir de meados do 1º milénio a.C. verifica-se uma clara alteração de alguns destes aspectos da cultura material. Tal como acontece um pouco por todas as áreas peninsulares anteriormente afectadas pelos influxos orientalizantes, a fase que se sucede ao final do século VI a.C. parece estar pautada por uma série de alterações que marcam uma nova etapa cultural. No caso de Lisboa, assim como no restante estuário do Tejo, verificam-se uma série de modificações nas estratégias de povoamento e de exploração de recursos, e também na cultura material, que parecem relacionar-se com algum isolamento desta área face aos grandes circuitos comerciais meridionais (Arruda, 2005; Sousa, 2014). Apesar de ser indiscutível a existência de contactos com outras áreas peninsulares, como está atestado não só pela presença de cerâmicas gregas como também por alguns contentores anfóricos importados, é difícil defender a existência de relações comerciais estáveis e sistemáticas entre o centro da fachada atlântica portuguesa e as zonas mais meridionais. Com efeito, e apesar de Lisboa ter o maior número de vasos áticos recolhido em contexto habitacional na faixa ocidental da costa portuguesa, grande parte dos quais recolhidos justamente no topo da colina do Castelo de São Jorge, estes totalizam apenas cerca de 18 fragmentos (Sousa, 2014: 112-114), uma situação que destoa claramente das realidades conhecidas quer no interior peninsular quer no sul do território actualmente português, particularmente se atendermos ao volume das escavações arqueológicas realizadas. No entanto, e apesar destes factores, a segunda metade do 1º milénio a.C. em Lisboa é pautada por um notável dinamismo, observável também no quadro da área ocupada, que atinge neste momento a sua extensão máxima (Sousa, 2014). É, porém, no âmbito da cultura material que se observam uma série de alterações que vão conferir um estatuto claramente autónomo a esta realidade centro atlântica. A produção de recipientes anfóricos, apesar de remontar a momentos anteriores, vai atingir o seu expoente máximo, quer ao nível quantitativo

quer em termos de diversidade morfológica, sendo marcada por aspectos de carácter fortemente regional (Sousa e Pimenta, 2014), ainda que a inspiração de alguns destes modelos se possa procurar nos protótipos de outras áreas peninsulares (Sousa, 2014). Cenário muito semelhante ocorre também nas restantes categorias cerâmicas, quer nos vasos mais propícios ao serviço de mesa como também nos recipientes de cozinha e armazenamento. Esta situação, já caracterizada em outros trabalhos (Sousa, 2013; 2014), é observável também entre os materiais que foram analisados no decurso deste artigo, permitindo confirmar, uma vez mais, a existência de marcadores claramente individualizantes dos artefactos produzidos nesta área centro atlântica no quadro da Idade do Ferro Peninsular.

A publicação destes dados da Rua do Recolhimento/Beco do Leão permite acrescentar alguns novos dados relativos à ocupação sidérica do topo da colina do Castelo de São Jorge e, indirectamente, acentuar, uma vez mais, o papel fundamental do núcleo pré-romano da antiga *Olisipo* no quadro da ocupação humana da foz do estuário do Tejo ao longo do 1º milénio a.C.

Bibliografia

- AAVV (2008), *Castelo de São Jorge. Núcleo Museológico*. Lisboa: EGEAC.
- AMARO, Clementino (1993), "Vestígios materiais orientalizantes do Claustro da Sé de Lisboa", *Estudos Orientais*, Lisboa, IV, p. 183-192.
- ARRUDA, A. M. (1999-2000), *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*, Barcelona, Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra.
- ARRUDA, A. M. (2005), "O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século", *O Arqueólogo Português*, Lisboa, Série IV-3, p. 9-156.
- ARRUDA, A. M. (2013), "Do que falamos quando falamos de Tartesso", In: CAMPOS, Juan, ALVAR, Jaime (eds), *Tarteso. El emporio del metal*, Espanha, Almuzara, p. 211-222.
- ARRUDA, A.M.; FREITAS, V.; VALLEJO SÁNCHEZ, J. (2000), "As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 3-2, p. 25-59.
- CALADO, Marco (2008), *Olisipo pré-romana. Um ponto da situação*, Lisboa, Apenas.
- CALADO, M.; ALMEIDA, L.; LEITÃO, V.; LEITÃO, M. (2013), "Cronologias absolutas para a 1ª Idade do Ferro em Olisipo – o exemplo de uma ocupação em ambiente cársico na actual Rua da Judearia em Alfama", *Cira Arqueologia*, Vila Franca de Xira, 2, p. 118-132.
- FILÍPE, V.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2014), "Evidências orientalizantes na área urbana de Lisboa. O caso dos edifícios na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d'El Rei", In ARRUDA, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar*, Lisboa, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p.736-747.
- PIMENTA, J.; MENDES, H. (2010-2011), "Novos dados sobre a presença fenícia no vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira", *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras, 18, p.591-618.
- PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2005), "Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. As ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 8-2, p.313-334.
- PIMENTA, J.; SOARES, A. M.; MENDES, H. (2013), "Cronologia absoluta para o povoado pré-romano de Santa Sofia (Vila Franca de Xira)", *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira, 2, p.181-195.
- PIMENTA, J.; CALADO, M.; LEITÃO, M. (2014), "Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça", In ARRUDA, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar*, Lisboa, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 724-735.
- PIMENTA, J.; SILVA, R. Banha da; CALADO, M. (2014), "Sobre a ocupação pré-romana de *Olisipo*. A intervenção arqueológica urbana da Rua de São Mamede ao Caldas n.º 15", In ARRUDA, A. M. (ed.), *Fenícios e Púnicos, por terra e mar*, Lisboa, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, p. 712-723.
- PIMENTA, J.; SOUSA, E.; AMARO, C. (2015), "Sobre as mais antigas ocupações da Casa dos Bicos, Lisboa", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 18, p.161-180.
- RAMON TORRES, Juan (1995), *Las anforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central e occidental*, Barcelona, Universitat.
- RUFETE TOMICO, Pilar (1988-1989), "Las ceramicas con engobe rojo de Huelva", *Huelva Arqueologica*, Huelva. X-XI-3, p. 10-40.
- SILVA, R. Banha da (2013), "A ocupação da Idade do Bronze Final da Praça da Figueira (Lisboa). Novos e velhos dados sobre os antecedentes da cidade de Lisboa", *Cira Arqueologia*, Vila Franca de Xira, 2, p. 40-62.
- SOUSA, Elisa de (2013), "A ocupação da foz do Estuário do Tejo em meados do 1º milénio a.C.", *Cira Arqueologia*, Vila Franca de Xira, 2, p. 103-117.
- SOUSA, Elisa de (2014), *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*, Lisboa, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
- SOUSA, Elisa de (no prelo), *The Iron Age occupation of Lisbon*.
- SOUSA, E. ; PIMENTA, J. (2014), "A produção de ânforas no Estuário do Tejo durante a Idade do Ferro", In MORAIS, R.; FERNÁNDEZ, A.; SOUSA, M. J. (eds), *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1, p. 303- 316.
- TORRES ORTÍZ, M. (2002), *Tartessos*, Madrid, Real Academia de la Historia.
- ZAMORA LÓPEZ, J. Á. (2013), "Novedades de Epigrafía Fenicio-Púnica en la Península Ibérica y sus aledaños", *Paleohispanica*, Zaragoza, 13, p. 359-384.